



Sobre homens de mar e homens de terra: as relações entre os grupos corsários e as sociedades portenhas, durante os conflitos de independência no Rio da Prata

EDUARDO SARTORETTO

TADEUSZ MANTEUFFEL INSTITUTE OF HISTORY 

CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA

Clio (Recife, Online), v. 42, ano 2024

<https://doi.org/10.51359/2525-5649.2024.256891>

e-ISSN: 2525-5649





SOBRE HOMENS DE MAR E HOMENS DE TERRA: AS RELAÇÕES ENTRE OS GRUPOS
CORSÁRIOS E AS SOCIEDADES PORTENHAS, DURANTE OS CONFLITOS DE
INDEPENDÊNCIA NO RIO DA PRATA

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar as interações entre os grupos sociais portenhos e os corsários estabelecidos e atuantes na região do Rio da Prata, durante os conflitos independentistas do XIX. Para tanto, utiliza-se dos relatos de John Mawe e das edições da Gazeta de Buenos Aires para identificar a estruturação da sociedade portenha, se valendo de algumas edições do referido periódico e de alguns documentos retirados do Archivo General de la Nación, para construir uma análise da organização e interação dos corsários com essas sociedades. Também é nosso objetivo compreender como se dava a comunicação entre os grupos estudados e qual era o grau de influências entre eles.

PALAVRAS-CHAVE: buenos aires; rio da prata; corsários; independência.

ABOUT MEN OF SEA AND MEN OF LAND: THE RELATIONS BETWEEN PRIVATEER
GROUPS AND THE SOCIETIES OF BUENOS AIRES, DURING THE INDEPENDENCE
CONFLICTS IN THE RÍO DE LA PLATA

ABSTRACT: The present article aims to analyze the interactions between the Buenos Aires social groups and the corsairs established and active in the Rio de la Plata, during the independence conflicts of the 19th century. To do so, it uses the accounts of John Mawe and the editions of the Gazeta de Buenos Aires to identify the structuring of this society, making use of some editions of the journal and some documents from the Archivo General de la Nación, to build an analysis of the organization and interaction of the privateers with these societies. It is also our goal to understand how the communication between these groups took place, if and what was the degree of influence between them.

KEYWORDS: buenos aires; río de la plata; privateers; independence.

Sobre homens de mar e homens de terra: as relações entre os grupos corsários e as sociedades portenhas, durante os conflitos de independência no Rio da Prata

EDUARDO SARTORETTO

A bordo da corveta *Hércules*, em frente a cidade de Montevideú, o então Comandante das Forças Marítimas de Buenos Aires, D. Guillermo Brown, descrevia, em 19 de maio de 1814, as ações desempenhadas pelos corsários sob seu comando, para a contenção da Esquadra montevideana inimiga, que saíra daquela cidade com o objetivo de fazer curso aos portenhos. Em seu relato, Brown dá conta de que os montevidianos saíram em 14 do corrente, em um grupo formado pelas corvetas *Mercúrio*, *Mercedes*, *Neptuno*, e *Paloma*, pelos bergantins *S. José*, *Hyena*, e *Cisne*, por uma goleta, a *Balandra de Castro*, pelo falucho *Fama* e pelo lugre *S. Carlos*; enquanto os seus, embora sem data e porto de saída, navegavam ao encalço dos inimigos, em uma armada constituída pelas corvetas *Hércules*, *Balfast*, *Agteable* e *Zéfir*, pelo bergantim *Nancy*, pela goleta *Juliet*, e pela sumaca *Santísima Trinidad*. Embora em desvantagem numérica, os corsários portenhos logo assumiram o controle da situação, graças à estratégia de Brown de buscar o afastamento da orla da cidade de Montevideú e às condições do vento e das marés naquele dia.

Empenhada em perseguir os inimigos que fugiam, a Esquadra de Brown varou noite adentro, na virada do dia 14 para o dia 15, a ponto de desferir alguns disparos contra o *Hyena*, fazendo-o dispersar-se dos demais navios e virar presa fácil. Todavia, a perseguição não acabava ali. Conforme Brown, “Ocupamos toda a manhã do dia 15 para perseguir o inimigo com ventos fracos, (...) À uma da tarde, ancoraram as Esquadras e, às 8 da noite, como fosse escuro e o vento se chamasse ao N. E. o inimigo se levantou e correu o quanto o vento lhe

permitia.”¹ Após perder o inimigo de vista, os portenhos somente puderam continuar a perseguição no amanhecer do dia 16, quando descobriram a direção deste, em virtude do envio da sumaca *Santísima Trinidad* para uma varredura. Mantendo-se no rastro, após reunidas as embarcações, retomaram a perseguição, por volta de 14 horas, fazendo fogo ao inimigo, quando a distância entre eles assim permitia, “até às 10, em cuja hora, estando a frente dos nossos navios, o *Hercules* alcançou os Navios inimigos que se encontravam na retaguarda, lhes fez duas descargas e colocou aquela parte da Esquadra inimiga em tal confusão que, em poucos minutos, o Bergantim S. José e as Corvetas Neptuno e Paloma se renderam.”²

Vendo parte da frota apresada, o resto das embarcações montevidéanas tentaram a fuga para o porto daquela cidade, sendo perseguidas mesmo assim. Destas, somente a corveta *Mercúrio*, o falucho *Fama* e o lugre *S. Carlos*, conseguiram escapar, graças aos tiros de canhão da praça de Montevideu, que impediram a aproximação dos corsários buenaireses. Perseguidas pela Esquadra de Brown, as naves restantes tentaram fuga para outro lado, quando viram a *Hércules* impedindo o caminho do porto, e assim foram apresadas também. “Deste modo, as Províncias do Rio da Prata conseguiram uma vitória completa, sobre uma força inimiga muito superior, que havia proposto nada menos do que cortar o pescoço de todos nós que estávamos na Esquadra, para o que a sua tripulação havia sido armada com longas facas, nas quais dificilmente se pode acreditar.”³

O relato termina com o pedido de Brown para que as autoridades tratassem os aproximados 500 tripulantes apresados como prisioneiros de guerra, uma vez que “Usar de represália seria debilidade, e perdoar lhes será generosidade. A crueldade aumenta por atos de sua mesma natureza. Estes homens devem ser ensinados, melhor pelo bom exemplo, do que pela retaliação”⁴

¹ *Gaceta de Buenos Aires*, Buenos Aires, 2 jun. 1814. “Ocupamos la mañana del 15 en perseguir al enemigo con vientos flojos, (...) A la una de la tarde anclaron las dos Esquadras, y á las 8 de la noche como fuese oscura (sic), y el viento se llamase al N. E el enemigo se levó y corrió quanto al viento le permitía”.

² *Gaceta de Buenos Aires*, 2 jun. 1814. “hasta las 10 en cuya hora hallandose á la cabeza de nuestros Buques la *Hercules*, alcanzó á los Buques enemigos que se hallaban á retaguardia, les hizo dos descargas, y puso aquella parte de la Esquadra enemiga en tal confusion que, a pocos minutos el Bergantin S. José y las Corvetas Neptuno y Paloma se rindieron”.

³ *Gaceta de Buenos Aires*, 2 jun. 1814. “De este modo las Provincias del Rio de la Plata han conseguido una completa victoria, sobre una fuerza enemiga muy superior que nada menos se habia propuesto, que cortar el pezcueso à todos los que estabamos en la Esquadra, á cuyo fin la tripulacion de la suya habia sido armada con largos cuchillos, cosa que apenas puede creerse”.

⁴ *Gaceta de Buenos Aires*, 2 jun. 1814. “Usar de represalias sería debilidad, y perdonar les será generosidad. La crueldad se aumenta por actos de su misma naturaleza. Estos hombres deben ser enseñados, mas bien por el buen exemplo, que por la retaliacion”.

O evento aqui evidenciado e sua atuação junto ao governo de Buenos Aires, renderam ao então Comandante corsário Guillermo Brown o título de Comodoro e a doação, por parte do governo local, da Corveta *Hércules*, ratificada em 7 de setembro de 1814⁵. Posteriormente, Brown entraria para a História, como o primeiro Almirante da força naval da Argentina. Todavia, o interessante de sua história de vida é que ele não era espanhol e nem sequer era proveniente do continente americano; pelo contrário, Guillermo Brown – William no original –, era um irlandês que imigrou para os EUA, onde aprendeu o trabalho a bordo e, navegando durante 10 anos pelo Atlântico, se destacou a ponto de alcançar a patente de Capitão. Após contrair casamento com Elizabeth Chitty, em 1809, migrou com sua família para a Região do Rio da Prata, estabelecendo-se, inicialmente em Montevideu e depois em Buenos Aires, onde pretendia comerciar. Com a eclosão dos conflitos de independência, vendo alguma oportunidade financeira e, talvez, nutrindo certo alinhamento ideológico uniu-se à guerra, como corsário e, posteriormente, oficial naval de Buenos Aires, vindo a falecer em 1857, após consolidar uma carreira de sucesso nas águas do Prata e do Atlântico⁶.

A história de Brown, ainda que de maneiras diferentes, se repete na Região Platina, quando olhado o período das independências. As oportunidades para o desenvolvimento de atividades de curso patrocinadas por governos e políticos dessa região são históricas e crescentes à medida em que vão se acirrando os embates. Nesse sentido, vários são os indivíduos que imigram para o local, estabelecendo-se em busca de desenvolver o comércio e armar navios em curso para formar patrimônio e renda. Essas imigrações e a circulação desses grupos na região e fora dela tendem a mexer com a estruturação da sociedade, influenciando-a em maior ou menor grau. Pensando nisso, o presente trabalho tem por objetivo analisar as interações entre os grupos sociais portenhos e os corsários estabelecidos e atuantes na região do Rio da Prata. Para tanto, dividir-se-á o texto em três momentos: em uma primeira abordagem, executar-se-á um estudo historiográfico da construção política da cidade de Buenos Aires; em seguida, com base em trabalhos historiográficos, como os realizados por Halperín Donghi, Gabriel Di Meglio e Marcela Ternavasio, bem como com pesquisas em fontes primárias, como as edições da *Gaceta de Buenos Aires* e os relatos do mineralogista oitocentista John Mawe, executar-se-á o exercício de identificação dos grupos presentes na sociedade portenha politizada; e por último, continuando a análise empírica das gazetas e

⁵ *Gaceta de Buenos Aires*, 26 mai. 1819.

⁶ Ministério de la Defensa, Armada Argentina, *Almirante Guillermo Brown*, <https://www.argentina.gob.ar/armada/historia-naval/heroes-navales/almirante-guillermo-brown>.

acrescendo a elas alguns documentos do Archivo General de la Nación, evidenciar-se-á as relações entre as atividades de curso empregadas pelo governo beligerante em questão e as classes existentes na sociedade apresentada. É objetivo deste texto buscar nesses documentos como se dava a comunicação entre os grupos e em que grau havia influências de um e outro.

A construção política da Cidade de Buenos Aires

O ano de 1810 foi um marco na história de boa parte dos domínios hispânicos na América, isso porque, foi durante esse período, e após ele, que eclodiram as diversas manifestações de cunho insurgente, de contrariedade ao reinado francês sobre a metrópole espanhola e, ao mesmo tempo, ao governo exercido pela Junta Central de Governo Provisório, organizada em Cádiz, na Espanha, que viriam a se transformar em movimentos de independência, logo em seguida.⁷

Uma dessas manifestações mais significativas para o panorama da época, pode ser definida como o movimento ocorrido em 25 de maio de 1810, na cidade de Buenos Aires, então capital do Vice-Reino do Rio da Prata. Dado o fato de que essa urbe era de extrema importância e cobiça tanto para os espanhóis peninsulares, quanto para os portugueses, ingleses e americanos que por ali circulavam e conduziam seus negócios, a declaração de um Governo Provisório poderia, além de dificultar o acesso aos benefícios que essa região tinha para oferecer, significar o encurtamento do caminho para a independência, fato que assustava tanto espanhóis, quanto portugueses.⁸

Entretanto, engana-se quem pensa que as decisões que deram início à construção da sociedade e do governo buenairense foram tomadas de imediato. Isso porque, antes, durante e após o movimento ocorrido em maio daquele ano, o desenvolvimento da ideia de um governo independente, ainda que provisório e alinhado com a metrópole espanhola – em um primeiro momento –, foi lento, gradual e com uma série de fatores, internos e externos, que tiveram que ser considerados e, muitas vezes, solucionados, para o sucesso do projeto.

Um desses fatores é, conforme aponta o historiador argentino Tulio Halperin Donghi, a própria revolução de maio de 1810. Segundo ele, esse movimento não pode ser entendido como algo que se deu de maneira

⁷ João Paulo Garrido Pimenta, “Com os olhos na América espanhola: a independência do Brasil (1808-1822)”, *Cadernos do CHDD*, v. 4, n. especial (2005), pp. 3-22. (p. 8).

⁸ Pimenta, “Com os olhos na América espanhola”, pp. 8-9; João Paulo Garrido Pimenta, *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)*, São Paulo: Hucitec, 2006, p. 79. Gabriel Di Meglio, “Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)”, *Estudios Ibero-americanos*, v. 36, n. 2 (2010), pp. 266-287. (p. 268).

espontânea, nem pode ser interpretado como fruto de um sentimento geral de todos os setores da sociedade, mas sim como uma ideia surgida no seio de um número seletivo de pessoas, geralmente parte das elites crioulas, que, com a queda do monarca e a conseqüente insuficiência da política da Junta Central, desenvolveram-se, ao longo dos anos, de modo a destacarem-se junto à política, difundindo, assim, a ideia independentista em meio à toda população.⁹

Essa difusão de ideias, entretanto, somente foi possível graças a militarização da província – iniciada entre os anos de 1806 e 1807, com as invasões britânicas dos territórios hispânicos na Região Platina – que possibilitou o enquadramento e a mobilização política das camadas mais pobres da sociedade buenairense do período, bem como a destituição do Vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros.¹⁰

Para o historiador Alejandro Martín Rabinovich, ao longo de uma discussão sobre a obra de Halperin Donghi, citada anteriormente, “os militares patriotas se transformaram rapidamente no primeiro estamento do novo Estado. Porque em tempos de uma guerra de independência, onde tudo estava em jogo, seu saber técnico era indispensável e seu prestígio era muito superior ao dos demais funcionários civis.”¹¹ Nesse sentido, considerando o fato de que a maioria da população estava nos quartéis, como parte das tropas, a utilização destas no início do Governo Provisório, foi considerado, por Alejandro e Halperin Donghi, como estratégico, uma vez que

Neste contexto, a capacidade de convocar a tropa para dirimir as lutas políticas internas se mostraria rapidamente como decisiva. Os motins, as revoluções, e o que hoje chamaríamos de golpe de Estado, passaram a formar parte do repertório cotidiano da vida política facciosa do período. Ninguém estava mais bem preparado para esses lances que os altos oficiais militares.¹²

⁹ Tulio Halperin Donghi, *Revolución y guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina*, Buenos Aires: Siglo XXI, 1994, pp. 160-167.

¹⁰ Donghi, *Revolución y guerra*, pp. 160-167. Alejandro M Rabinovich, “Primero guerra, luego revolución. Halperin Donghi y el proceso de militarización del Río de la Plata”, *Anuario Facultad Ciencias Humanas*, n. 11, v. 11 (2014), pp. 1-6. pp. 2-3.

¹¹ Rabinovich, “Primeiro guerra, luego revolución”, p. 4. “los militares patriotas se transformaron rápidamente en el primer estamento del nuevo Estado. Porque en tiempos de una guerra de independencia donde todo estaba en juego, su saber técnico era indispensable y su prestigio era muy superior al de los demás funcionarios civiles”.

¹² Rabinovich, “Primeiro guerra, luego revolución”, p. 4. “En este contexto, la capacidad de convocar a la tropa para dirimir las luchas políticas internas se mostraría rápidamente como decisiva. Los motines, las revoluciones y lo que hoy llamaríamos golpes de Estado pasaron a formar parte del repertorio cotidiano de la vida política facciosa del período. Nadie estaba mejor preparado para estos lances que los altos oficiales militares”.

Esse aspecto militar, característico do governo exercido pelas elites crioulas na cidade de Buenos Aires, também pode ser identificado em uma breve análise das correspondências enviadas pelo representante inglês na Ibero-américa, Lorde Strangford, ao Governo de Buenos Aires. Em carta datada do dia 10 de agosto de 1810, é possível identificar, em meio ao apelo feito ao representante da Inglaterra para a manutenção das relações comerciais e do apoio às decisões de fidelidade do governo buenairense em relação ao rei Fernando VII, que “A Junta pediu ao governo inglês, em ofícios anteriores, armamentos numerosos, pois havendo abundância de homens, com aqueles auxílios ficariam estas províncias no estado de sustentar sua justiça, e sua conveniência, que por fortuna se encontra intimamente ligada à da nação inglesa.”¹³ Muitas outras, ainda, fazem menção às forças milicianas ali existentes, bem como às intervenções, realizadas por essas à comerciantes e/ou navios suspeitos de obstruírem as leis.

Outro fator/aspecto, que também precisa ser levado em conta quando fala-se de criação do Governo de Buenos Aires, é a questão do destaque da ex-capital do Vice-Reino da Prata perante o resto do mundo, principalmente com relação às potências da Europa. Sobre isso, Marcela Ternavasio aponta para uma série de mudanças ocorridas em Buenos Aires, desde o período da queda do rei Fernando VII até a instituição da constituição e a criação da federação da Argentina. A autora divide essas mudanças em três etapas: A Roma republicana (entre os anos de 1810 e 1820); A Atenas do Prata (entre os anos de 1820 e 1829); e a Santa Federação (a partir do ano de 1829). Cada uma das etapas diz respeito a um momento específico da política externa e de governo empregada em Buenos Aires. Entretanto, à esta análise cabe apenas o primeiro momento apontado por ela.

Segundo Ternavasio, o panorama político buenairense que antecede a revolução era de descaso das autoridades peninsulares, como pode-se perceber no trecho a seguir:

Tanto durante as invasões inglesas quanto nos eventos que se seguiram à crise da monarquia entre 1808 e 1810, Buenos

¹³ Archivo General de la Nación (AGN), *Correspondencia de Lord Strangford y de la estación naval británica en el Río de la Plata con el gobierno de Buenos Aires (1810-1822)*. Buenos Aires: Guillermo Kraft Ltda., 1941. p. 25. “A Junta pediu ao governo inglês em ofícios anteriores armamentos numerosos, uma vez que há abundância de homens, com esses auxílios ficariam essas províncias em condições de manter sua justiça e sua conveniência, que felizmente está ligada à da nação inglesa” (“La Junta há pedido al gobierno ingles en anteriores oficios armamentos numerosos, pues habiendo abundancia de hombres, con aquellos auxilios quedarian éstas provincias en estado de sóstener su justicia, y su conveniencia, que por fortuna se halla intimamente ligada á la de la nacion inglesa”.)

Aires parecia se comportar mais como o epicentro de um governo marginal [...] do que como a capital de um grande vice governo. Naquele momento, as autoridades do vice-reino que viviam em Buenos Aires não pareciam tão preocupadas em governar o vasto território que possuíam sob sua tutela enquanto administravam as disputas internas que enfrentavam os corpos coloniais dentro do perímetro menor da cidade e seus arredores mais próximo, incluindo Montevideu. [...] primeiro, que Buenos Aires foi levada ao status de capital há apenas trinta anos e, em segundo lugar, que, ao contrário dos dois grandes capitais vice-reinóis – México e Lima – Buenos Aires exibia pobreza – em todas as dimensões imagináveis do termo – que pode ser representada em um fato convincente: até 1776 a cidade tinha apenas um governador, um cabildo e quatro departamentos oficiais com catorze funcionários. (Tradução livre do autor).¹⁴

Apesar do descaso das autoridades peninsulares, Buenos Aires desenvolveu-se de maneira exorbitante durante o período das Reformas Bourbônicas. Segundo apontado pela historiadora, a cidade duplicou sua população durante as três décadas em que durou o Vice-Reino, passando de 20.000 habitantes para cerca de 40.000, sem contar o fato de que grupos mercantis estrangeiros muito poderosos, após a instituição do Regulamento de Comércio Livre, datado de 1778 – que habilitou o comércio legal no porto de Buenos Aires –, acabaram por acrescentar suas riquezas à Província.¹⁵

Entretanto, conforme salienta Ternavasio, a partir dos eventos que ocorreram entre 1808 e 1810, identifica-se uma mudança com relação à marginalidade e ao descaso em Buenos Aires. Isso graças ao fato de que, em

¹⁴ Marcela Ternavasio, “Buenos Aires y el orden político posrevolucionario: De la Roma republicana a la nueva Argirópolis”, in Manuel Chust e Ivana Faquest (eds.), *La Patria no se hizo sola: Las Revoluciones de Independencia iberoamericanas*, Madrid: Elece, Industria Gráfica S. I, 2012, pp. 65-94. (pp. 71-72). “Tanto durante las invasiones inglesas como en los acontecimientos sucedidos luego de la crisis de la monarquía entre 1808 y 1810, Buenos Aires pareció comportarse más como epicentro de una gobernación marginal (...) que como capital de un gran virreinato. En esa coyuntura, las autoridades virreinales residentes en Buenos Aires no parecían estar tan preocupadas por gobernar el amplísimo territorio que tenían bajo su tutela como sí en administrar las disputas internas que enfrentaron a los cuerpos coloniales dentro del más reducido perímetro de la ciudad y su entorno más cercano, incluido Montevideo. (...) en primer lugar, que Buenos Aires había sido elevada a la condición de capital hacía apenas treinta años y, en segundo lugar, que a diferencia de las dos grandes capitales virreinales –México y Lima– Buenos Aires exhibía una pobreza –en todas las dimensiones imaginables del término– que puede graficarse en un dato contundente: hasta 1776 dicha ciudad contaba solo con un gobernador, un cabildo y cuatro reparticiones oficiales con catorce empleados”.

¹⁵ Ternavasio, “Buenos Aires y el orden político posrevolucionario”, p. 73.

1810, ao liderar a criação de um governo autônomo em relação à metrópole, as elites crioulas, juntamente com as milícias buenaienses, se precipitaram em empreender um projeto que visava a busca do reconhecimento desse governo, bem como a conquista de seu próprio Vice-Reino, formado pelos demais governos autônomos. Para essa conquista, os revolucionários utilizaram-se das mesmas técnicas utilizadas durante as reformas borbônicas: centralização do poder, redução dos corpos intermediários e, principalmente, o uso da força militar.¹⁶

A partir desse momento, visualiza-se novo dilema na construção do governo buenaiense: a divisão entre as elites revolucionárias. O historiador argentino Gabriel Di Meglio aponta para a existência de pelo menos dois grupos distintos de pensamento entre as elites crioulas, já no ano de 1810. Um desses grupos, considerado por ele mais radical, era liderado pelo secretário da Junta de Governo Provisório, fundador e dono do jornal buenaiense *La Gaceta*, Mariano Moreno. Assim como Moreno e seu jornal, o grupo defendia a ideia de desvinculação completa com o soberano espanhol e instauração de uma nova ordem vigente, a fim de promover a reinstalação da liberdade, da razão e da justiça universais. Em contrapartida, outro grupo, considerado pelo historiador como mais conservador/moderado, era formado e agrupado em torno do presidente da Junta, o comandante dos Patrícios, Cornelio Saavedra, sendo contrário às ideias de Moreno, uma vez que acreditava não serem necessárias rupturas maiores do que as que já haviam sido feitas.¹⁷

A cisão ocorrida em meio aos revolucionários, originou também uma série de disputas internas pelo poder político de Buenos Aires. Utilizando-se das milícias militares a seu dispor, em 1811, os saavedristas promoveram uma mobilização popular para a expulsão dos partidários das ideias de Moreno. Essa prática inaugurada ali, tornar-se-ia corriqueira e característica nos Governos da Província para pressionar e remover os governos considerados inimigos. Ainda no mesmo ano, porém, após o fracasso das forças do exército enviadas para ocupar o Alto Peru, a Junta de Governo acabou por ser destituída, sendo substituída, em setembro daquele ano, por um novo Governo, em forma de Triunvirato.¹⁸

O Triunvirato recém-instalado herdou uma situação bélica cada vez mais complexa. Diante dessa situação, conforme afirma Di Meglio, o Governo foi bastante moderado ao tomar suas posições políticas e, por isso, foi pressionado pelo grupo morenista, que acabou organizando-se de modo a formar a chamada *Sociedad Patriótica*, liderada pelo radical Bernardo de

¹⁶ Ternavasio, "Buenos Aires y el orden político posrevolucionario", p. 73.

¹⁷ Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", p. 269.

¹⁸ Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", p. 270.

Monteagudo. A Sociedade Patriótica acabou fundindo-se com a *Logia Lautaro*, uma sociedade secreta criada por alguns oficiais americanos que lutaram contra Bonaparte para no exército espanhol, cujos dirigentes eram Carlos de Alvear y José de San Martín. Em outubro de 1812, a Logia derrubou o governo, utilizando-se de uma mobilização de tropas e de membros do baixo povo, e criou o Segundo Triunvirato.¹⁹ Os planos da Logia para o governo era ganhar a guerra contra os inimigos da revolução e, então, declarar a independência absoluta, mantendo o centralismo.²⁰

Para tanto, decidiu-se concentrar o poder e substituir o Triunvirato pela figura do Diretor Supremo. O governo da Logia,

Em 1813, convocou representantes das províncias para um congresso com o objetivo de sancionar uma constituição. Esta Asamblea del Año XIII tomou uma série de medidas importantes: proclamou a liberdade de ventres, por meio da qual todos os filhos de escravos iam nascer livres a partir de então; suspendeu o tributo indígena; deixou de jurar fidelidade a Fernando VII; aboliu os títulos de nobreza e a inquisição; proibiu a tortura. Se esperava que declarasse a independência, porém a mudança da situação na Europa, onde Bonaparte começou a ser derrotado, fez que os deputados pausassem a marcha, esperando o que poderia acontecer.²¹

Apesar do investimento maciço nas forças militares, o Governo buenairense não obteve êxitos em subjugar os demais governos provisórios para conquistar seu próprio vice-reino. Segundo Di Meglio, o maior sucesso que as elites crioulas buenairenses tiveram foi a conquista da cidade de Montevidéu, baluarte contrarrevolucionário do sul do continente, em janeiro de 1814, o que impediu a chegada das tropas espanholas no Rio da Prata. Apesar disso, havia uma forte resistência à dominação buenairense no território montevideano. Liderados por Artigas, desde 1811, um grupo de revolucionários se opunha a qualquer tipo de dominação, em prol de uma independência de fato. Essas

¹⁹ Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", pp. 270 – 271.

²⁰ Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", p. 271.

²¹ Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", p. 271. "En 1813 convocó a representantes de las provincias a un congreso con el objetivo de sancionar una constitución. Esta Asamblea del año XIII tomó una serie de medidas importantes: proclamó la libertad de vientres, por medio de la cual todos los hijos de esclavos iban a nacer libres a partir de entonces; suspendió el tributo indígena; dejó de jurar fidelidad a Fernando VII; abolió los títulos de nobleza y la inquisición; prohibió la tortura. Se esperaba que declarara la independencia, pero el cambio de situación en Europa, donde Bonaparte empezó a ser derrotado, hizo que los diputados pausaran la marcha a la espera de qué podía ocurrir".

ideias exerciam influência para além da Província de Montevidéu e, por esse motivo, o autor argumenta que, em 1815, o território revolucionário estava partido em dois.²² Sobre essas afirmações, Marcela Ternavasio argumenta:

Desta perspectiva, o Rio da Prata flutuou, entre 1810 e 1816, entre a autonomia e as propostas independentistas que somente na segunda data se concretizaram ao declarar-se a independência das Províncias Unidas da América do Sul. [...] A grandiloquente expressão América do Sul, ao mostrar a afirmação de uma identidade americana encorajada pelas guerras de independência, refletia a profunda incerteza a respeito de qual seria a geografia que eventualmente seria incluída junto à nova ordem política liderada por Buenos Aires. (Tradução livre do autor).²³

Com a declaração da independência das Províncias Unidas da América do Sul, Buenos Aires garantia um papel de destaque frente aos demais governos revolucionários, entretanto, variáveis como a divergência de ideias, a continuidade das guerras pela independência e a incerteza com relação à distribuição de poder entre os governos que davam forma a esse projeto, acabaram levando-o à falência. Assim, conforme aponta Ternavasio, no ano de 1820, o território que compreendia o antigo Vice-Reino do Rio da Prata e as Províncias Unidas da América Latina encontrava-se esfacelado em diversos governos autônomos provinciais, que somente após quatro décadas selariam sua união sob o nome de República Argentina.²⁴

Dessa maneira, os eventos ocorridos entre os anos de 1810 e 1820 apontam para o fato de que Buenos Aires não conseguiu legitimar-se como a capital de uma ordem centralizada e dominada por ela, apesar de empreender diversos esforços para conquistar militar e politicamente o território do antigo vice-reino. Nem os congressos constituintes, nem as campanhas libertadoras desenvolvidas nas diferentes frentes militares puderam diminuir as disputas pela soberania derivada da crise monárquica. Um dado comum a toda América hispânica, mas que no caso rio-platense derivou para uma fragmentação sem

²² Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", pp. 71 - 72.

²³ Ternavasio, *Buenos Aires y el orden político posrevolucionario*, p. 76. "Desde esta perspectiva, el Río de la Plata fluctuó entre 1810 y 1816 entre la autonomía y las propuestas independentistas que solo en la segunda fecha se concretaron al declararse la independencia de las Provincias Unidas de Sud América. (...) La grandilocuente expresión Sud América, a la vez que mostraba la afirmación de una identidad americana alentada por las guerras de independencia, reflejaba la profunda incertidumbre respecto a cuál sería la geografía que finalmente quedaría incluida en el nuevo orden político liderado desde Buenos Aires".

²⁴ Ternavasio, "Buenos Aires y el orden político posrevolucionario", pp. 76-77.

precedentes após 1820, quando o poder central, representado pelo Diretório, literalmente desapareceu ao ser derrotado pelas forças federais do litoral.²⁵

Uma estimativa populacional da sociedade portenha

Dentro desse panorama de tentativas de construção política da cidade portenha, outro fator a ser considerado é a organização social ali presente. Segundo apontado por Halperín Donghi, ainda no século anterior, quando Buenos Aires gozava do título de capital do Vice-reino do Rio da Prata, era possível dividir a região vice-reinal em duas partes: litoral e interior; cada uma delas partindo de uma configuração social geral – agrupamento social realizado através da constituição de castas (espanhóis peninsulares, descendentes, mestiços, negros, indígenas) –, para divisões características populacionais próprias²⁶, conforme é possível identificar no trecho a seguir:

A sociedade rio-platense ainda vê a si mesma como dividida por linhas étnicas. No Litoral, a escravidão coloca quase todos os povoadores de origem africana dentro de um grupo submetido a um regime jurídico especial; na Buenos Aires de 1778, os negros escravos dominavam um setor de atividades que – não sem risco de anacronismo – é caracterizável como classe baixa. Mas mesmo aqui, onde a população negra é outro imigrante recente, aparecem – inclusive ao estabelecer-se no vice-reino – homens de cor que conseguiram estabelecer-se em níveis sociais mais altos; artesãos e comerciantes donos eles mesmos, às vezes, de escravos. No Interior – como já se viu – uma parte muito importante da população africana conseguiu emancipar-se do regime escravista. Nesta região de mais antiga prosperidade, onde os negros são procurados desde o século XV para preencher a lacuna demográfica causada pelo colapso da população indígena, estamos presenciando um momento mais avançado do processo que apenas começou a ser vivenciado no Litoral. Em ambos os setores é evidente que a existência da escravidão não é suficiente para encurralar os africanos nos níveis sociais e de atividade a que estavam destinados.²⁷

²⁵ Ternavasio, “Buenos Aires y el orden político posrevolucionario”, p. 77.

²⁶ Donghi, *Revolución y guerra*, pp. 15-75.

²⁷ Donghi, *Revolución y guerra*, p. 52. “La sociedad rioplatense aún se ve a sí misma como dividida por líneas étnicas. En el Litoral la esclavitud coloca a casi todos los pobladores de origen africano

Essa divisão realizada pelo historiador é corroborada quando se leva em consideração os relatos realizados pelo mineralogista britânico John Mawe, quando viajando pelo território portenho a serviço do Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, descreve a seguinte observação sobre a situação da capital em 1807:

“As várias raças que compõem a população são as seguintes: 1. Espanhóis ou europeus legítimos. Em Buenos Ayres existem cerca de três mil; no interior o número é insignificante, exceto em Potosí, que, sendo um país mineiro, contém muitos. 2. Crioulos; descendentes legítimos de espanhóis ou europeus. 3. Mestiços, descendentes de pais europeus e índios. 4. Índios, quase todos com alguma mistura de sangue espanhol. 5. Misturas marrons de africanos e europeus. 6. Mulatos de vários graus.²⁸

Em meio a esta organização, Buenos Aires era, então, “basicamente, uma cidade comercial e burocrática, com atividades complementares (artesaniais e primárias) destinadas a atender a demanda alimentada, em primeiro lugar, por quem vive da administração e do comércio”²⁹, que seguia a tradicional divisão social litorânea das castas, mas possuía características próprias em relação a

dentro de un grupo sometido a un régimen jurídico especial; en la Buenos Aires de 1778 los negros esclavos dominan el sector de actividades que – no sin riesgo de anacronismo– es caracterizable como de clase baja. Pero aun aquí, donde la población negra es demás reciente inmigración, aparecen – incluso al establecerse el virreinato – hombres de color que han logrado ubicarse en niveles sociales más altos; artesanos y comerciantes dueños a veces ellos mismos de esclavos. En el Interior –se ha visto ya – una parte muy importante de la población africana ha logrado emanciparse del régimen de esclavitud. En esta región de prosperidad más antigua, donde los negros han sido buscados desde el siglo XV para colmar el vacío demográfico provocado por el derrumbe de la población indígena, asistimos a un momento más avanzado del proceso que sólo ha comenzado a vivirse en el Litoral. En uno y otro sector es evidente que la existencia de la esclavitud no es suficiente para arrinconar a los africanos en los niveles sociales y de actividad a los cuales fueron destinados”.

²⁸ John Mawe, *Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamonds districts of that country, by authority of the prince regent of Portugal, including a voyage to the Rio de la Plata, and a historical sketch of the Revolution of the Buenos Ayres*, London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1812, p. 39. “The various races which compose the population are as follow: 1. Legitimate Spaniards or Europeans. In Buenos Ayres there are about three thousand; in the interior the number is very trifling, except in Potosi, which, being a mining country, contains many. 2. Creoles; legitimate descendants from Spaniards or Europeans. 3. Mestizos, the offspring of European and Indian parents. 4. Indians, almost all of whom have some mixture of Spanish blood. 5. Brown mixtures of Africans and Europeans. 6. Mulattos of various degrees”.

²⁹ Donghi, *Revolución y guerra*, p. 41. “básicamente, una ciudad comercial y burocrática, con actividades complementarias (artesanales y primarias) destinadas a atender la demanda alimentada en primer término por quienes viven de la administración y el comercio”.

algumas delas, como os artesãos, que “Em Buenos Aires – graças à existência de um mercado local mais amplo e de exigências diferenciadas – o setor artesanal pode subsistir mediante o contato direto com seu público consumidor”; os acadêmicos, cuja carreira era entendida como um dos meios que facilitavam a ascensão social; e os comerciantes, que, ainda que pese a clássica relação entre comércio e política, fortemente presente na estrutura do Vice-reino do Prata, ao firmarem-se na região, aproveitando-se da facilitação do comércio, acabavam por buscar a ascensão social por meios independentes desta relação, principalmente através das carreiras acadêmicas.³⁰

Também os setores mais baixos da sociedade, no período apontado pelo autor, possuíam alguma diferença quando olhados sob a ótica portenha, uma vez que “a proporção de escravos entre os que se dedicam às atividades próprias desse setor é esmagadoramente alta”, fato que contribuía para a manutenção de um grupo marginal de brancos desempregados, cuja existência preocupava as autoridades em momentos de crise, visto a possibilidade de um aumento constante e de possíveis levantes descontentes, a ponto de serem tomadas medidas de precaução³¹.

Nesse sentido,

a sociedade urbana conserva fortes características estamentárias; aqui como no Interior os elementos novos que se incorporam aos setores altos têm sua origem principalmente no exterior, na metrópole; ao contrário, a ascensão econômica e social dentro da estrutura local é muito difícil. E por mais que esses elementos novos sejam aqui mais independentes com respeito à administração vice-reinal, suas atitudes são essencialmente conservadoras.³²

A característica da sociedade portenha apontada por Halperín Donghi, para o período do Vice-reino, não só é comprovada, quando consideradas as anotações realizadas por Mawe sobre suas experiências na cidade, como

³⁰ Donghi, *Revolución y guerra*, pp. 60–61. “En Buenos Aires – gracias a la existencia de un mercado local más vasto y de exigencias más diferenciadas – el sector artesanal puede subsistir mediante el contacto directo con su público consumidor”

³¹ Donghi, *Revolución y guerra*, pp. 60–61. “la proporción de esclavos entre los que se dedican a las actividades propias de ese sector es abrumadoramente alta”

³² Donghi, *Revolución y guerra*, pp. 61 – 62. “la sociedad urbana conserva fuertes caracteres estamentarios; aquí como en el Interior los elementos nuevos que se incorporan a los sectores altos tienen su origen principalmente en el exterior, en la metrópoli; por el contrario, el ascenso económico y social dentro de la estructura local es muy difícil. Y por más que esos elementos nuevos sean aquí más independientes con respecto a la administración virreinal, sus actitudes son esencialmente conservadoras”.

reforçada como parte cultural da mesma, visto que os documentos apontam para um período posterior à virada do século, às invasões inglesas e, de certo modo, ao início do enfraquecimento da influência metropolitana sobre a região colonial. Em sua análise, Mawe aponta que para a compreensão da organização da comunidade buenairense, “é necessário pressupor que pretendo classificá-las, não por graus de nascimento, classe ou profissão, mas pela estimativa relativa em que se situam em termos de propriedade ou utilidade pública.”³³. Para tal, o mineralogista divide a população em 6 classes distintas: os comerciantes; os proprietários de imóveis e terras; os artesãos; os funcionários públicos, os militares e/ou milicianos; e o clero.

Considerados pelo mineralogista como a última classe em grau de importância social, em 1807, o clero é registrado em seu relato como um grupo de, pelo menos, mil indivíduos, distintos dos demais grupos “pelo aprendizado, honra e probidade dos frades”³⁴.

Em quinto lugar nesta escala, estão alocadas as forças militares. Apesar de sua colocação, os indivíduos pertencentes a esta classe, como já exposto aqui, possuíam grande importância dentro da sociedade, visto que foram forças milicianas, que viriam a originar os militares, as responsáveis pela defesa do território durante as invasões inglesas e, posteriormente, encabeçaram as batalhas pela expansão territorial e independência, chegando a fazer parte de uma elite política, juntamente com outras classes dessa lista³⁵.

O quarto lugar da lista de Mawe vai para o grupo dos funcionários públicos, divididos à época do relato entre espanhóis e *criollos*, sendo os primeiros detentores de cargos mais altos e mais rentáveis e os demais, ocupando cargos menores³⁶. A regra colocada pelo mineralogista, mudará após a eclosão dos conflitos de independência e a presença dos espanhóis nos cargos públicos e políticos tenderá a diminuir, substituída pelos locais. Da mesma forma, é possível dizer que a importância social desse grupo, bem como a do grupo dos militares, tende a subir algumas posições, uma vez que o processo em que mergulham os governos hispano-americanos é principalmente político e militar.

³³ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 40. “it is necessary to premise that I mean to class them, not by degrees of birth, rank, or profession, but by the relative estimation in which they stand in point of property or public usefulness”

³⁴ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 43. “by their learning, honour, and probity from the friars”

³⁵ O historiador Gabriel Di Meglio compreende que o processo posterior ao ato de 25 de maio de 1810, abriu margens para a formação de uma elite política formada por militares, periodistas, advogados e comerciantes. Gabriel Di Meglio, *¡Viva el bajo pueblo! La plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la Revolución de Mayo y el Rosismo*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

³⁶ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 42.

O terceiro grupo é composto por artesãos, como pedreiros, carpinteiros, alfaiates e sapateiros, que, embora trabalhem arduamente e recebam grandes salários, raramente adquirem propriedades. Os jornaleiros geralmente são pessoas de cor; os senhores, em sua maioria, genoveses, e universalmente estrangeiros, pois os espanhóis desprezam esses negócios e não podem se rebaixar a trabalhar com negros ou mulatos. Muitas das classes inferiores derivam a subsistência desses e de outros empregos de natureza semelhante; aqui estão queimadores de cal, lenhadores, curtidores, carreteiros etc. Os carregadores livres constituem um corpo numeroso de homens; vagueiam pelas ruas para carregar e descarregar carroças e carregar fardos, mas são tão ociosos e dissolutos que nenhum homem pode depender de seus serviços por uma semana; quando têm um pouco de dinheiro, bebem e jogam, e quando estão sem um tostão, às vezes se dedicam ao furto.³⁷

Como é possível constatar, esse grupo é basicamente a base da sociedade portenha, compreendida por Di Meglio como parte da plebe, ou do baixo povo, ou seja, os grupos que se dedicavam a atividades não especializadas, a vasta maioria dos trabalhadores manuais pobres, mendigos e pessoas pobres que viviam em casas de caridade, enfim, a grande massa da sociedade portenha³⁸.

Seguindo com sua narrativa, John Mawe aponta como segundo grupo em sua escala os proprietários e subdivide-o em proprietários de terra e proprietários de imóveis. Diferentemente da classe dos funcionários públicos e da classe de comerciantes, essa categoria traz como atores principais os súditos *criollos*, isso porque, segundo aponta o interlocutor, “em geral são crioulos, pois poucos europeus empregam seus fundos na construção ou na compra de terras, até que tenham realizado uma fortuna para viver, o que normalmente ocorre quando eles estão muito avançados na vida, de modo que seus estabelecimentos

³⁷ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 42. “The third class is composed of handicraftsmen, such as masons, carpenters, tailors, and shoe-makers, who, although they work hard and receive great wages, seldom realise property. The journeymen are usually people of colour; the masters for the most part Genoese, and universally foreigners, for the Spaniards despise these trades, and cannot stoop to work along with negroes or mulattos. Many of the lower orders derive subsistence from these and other employments of a similar nature; here are limeburners, woodcutters, tanners, curriers, &c. The free porters constitute a numerous body of men; they ply about the streets to load and unload carts, and carry burdens, but they are so idle and dissolute, that no man can depend on their services for a week together; when they have a little money, they drink and gamble, and when pennyless, they sometimes betake themselves to pilfering”.

³⁸ Di Meglio, *¡Viva el bajo pueblo!*, pp. 39-70.

passam imediatamente nas mãos de seus sucessores”³⁹. Pode-se compreender, partindo da análise exposta pelo britânico, que a incidência maior de hispano-americanos do que de espanhóis nativos nesse ramo se desse em virtude da rentabilidade desse tipo de investimento. A cidade portenha tinha como principal característica suas relações comerciais e seu porto, importante ponto de circulação de mercadorias e metais da Bacia do Prata, logo, é viável considerar que as pessoas que buscavam uma rentabilidade e lucro maiores e mais rápidos se estabelecessem nesse ramo, desvalorizando os demais. Essa interpretação é corroborada quando, voltando-se aos escritos de Mawe, encontra-se a seguinte colocação: “Os simples proprietários obtêm tão pouca receita de suas posses que geralmente estão em dívida com seus comerciantes; seus ganhos são comumente absorvidos pelos monopolistas, e não tendo um magistrado para representá-los, eles se encontram desprovidos de recursos eficazes contra o erro e a extorsão”⁴⁰; ou seja, para galgar espaço e crescer socialmente, através do ramo imobiliário, era necessário investir pesado e conquistar um monopólio.

Da mesma forma, o retorno financeiro proveniente do ramo de terras não era o mais satisfatório. Novamente, é possível entender essa condição a partir da consideração do status da cidade e da separação do espaço provincial em interior e litoral, apresentado por Halperín Donghi. Entretanto, para além dessas ponderações, o mineralogista aponta que “As preocupações da agricultura neste país são tão deficientes e mal regulamentadas, que o proprietário de uma propriedade que realmente vale 20.000 dólares mal consegue subsistir dela”⁴¹, ponto que coincide em parte com a ideia da existência de um descaso da península para com essa parte da colônia por longo período⁴². Assim sendo, apesar de classificados como o segundo grupo em importância social, pelo britânico, “Esses homens estão tão deprimidos e empobrecidos que, não obstante a importância de sua vocação e a utilidade

³⁹ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 41. “for few Europeans employ their funds in building, or in the purchase of land, until they have realised a fortune to live upon, which commonly takes place when they are far advanced in life, so that their establishments pass immediately into the hands of their successors”

⁴⁰ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 41 “The simple landholders derive so little revenue from their possessions, that they are generally in debt to their tradesmen; their gains are but too commonly engrossed by the monopolists, and having no magistrate to represent them, they find themselves destitute of effectual resources against wrong and extortion”

⁴¹ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 41. “So defective and illregulated are the concerns of agriculture in this country, that the proprietor of an estate really worth 20,000 dollars can scarcely subsist upon it”

⁴² Eduardo Sartoretto, ““Tengo el Honor de ser el Más Obediente y Humilde Servidor de Vuestra Excelencia”: uma análise das movimentações e práticas de corso e pirataria na Região do Rio da Prata (1810-1822)”, *Monografia (Curso de História)*, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017, pp. 14-21.

pública de seus trabalhos, são classificados entre as pessoas de menor importância na sociedade”⁴³.

Apontada pelo interlocutor como a primeira das classes de sua escala, é possível supor-se que os comerciantes não somente fossem os mais importantes para a economia e sociedade portenha, como também os mais numerosos. Essa categoria subdividia-se em vários seguimentos, sendo os mais destacados, os comerciantes que faziam transações além-mar. Entre esses, Mawe aponta que “As casas mais importantes são quase todas filiais de algum estabelecimento europeu; poucos dos crioulos têm comércio regular”⁴⁴, fato corroborado por Donghi, quando se refere à Buenos Aires pós 1778: “a maior parte dos mercadores portenhos são consignatários de casas espanholas (e em mais de uma ocasião, parentes dos comerciantes peninsulares, dos quais dependem ou com os quais permanecem intimamente ligados)”⁴⁵. A diferença entre a quantidade de comerciantes hispânicos e de *criollos* pode ser justificada pela falta de oportunidades para os últimos, visto que os primeiros possuíam redes pré-definidas de comércio. Além disso, conforme apontado por Fabrício Prado, ao final da década de 1770, Montevideu tornara-se o principal porto atlântico do estuário platino, fator que pode ser visto como contributivo para o precário contingente de comerciantes portenhos autônomos, uma vez que desviava o grande comércio de Buenos Aires, repassando somente embarcações menores e derivados dos navios aportados nos deques montevidianos⁴⁶. Todavia, conforme afirma Gabriel Di Meglio, esse cenário tende a se modificar com a autorização do livre comércio e, posteriormente, com a eclosão dos conflitos pela independência, uma vez que as elites hispânicas acabarão por ser substituídas por grupos estrangeiros que se estabelecem na região, favorecendo a permanência dos grupos comerciantes locais.⁴⁷

Apesar da mudança social iniciada com a eclosão dos conflitos de independência, a partir de 1810, e, principalmente, da substituição de uma elite fidalga espanhola por uma elite *criolla* nos principais setores da sociedade, a estrutura apresentada por Mawe, em 1807, ainda pode ser considerada, se

⁴³ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 42. “These men are so depressed and impoverished that, notwithstanding the importance of their calling, and the public usefulness of their labours, they are ranked among the people of least consequence in society”

⁴⁴ Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, p. 40. “The more considerable houses are almost all branches of some European establishment; few of the Creoles have any regular trade”.

⁴⁵ Donghi, *Revolución y guerra*, p. 42. “la mayor parte de los mercaderes porteños son consignatarios de casas españolas (y en más de un caso parientes de los comerciantes peninsulares de los que dependen, o con los que permanecen íntimamente ligados)”

⁴⁶ Fabrício Prado, “Conexões Atlânticas: redes comerciais entre o Rio da Prata e os Estados Unidos (1790-1822)”, *Anos 90*, v. 24, n. 45 (2017), pp. 133-152. (pp. 136-139). <https://doi.org/10.22456/1983-201X.70596>.

⁴⁷ Di Meglio, *¡Viva el bajo pueblo!*, pp. 40-41.

observadas outras fontes. Em uma breve análise dos registros das doações realizadas para a construção e manutenção da Biblioteca Pública de Buenos Aires, datados do ano de 1810 e publicados em quatro edições da *Gaceta de Buenos Aires*, é possível estabelecer-se a seguinte relação entre os doadores:

Tabela 1 – Número de doadores da Biblioteca Pública de Buenos Aires referente ao ano de 1810, separados por classes.⁴⁸

Classes	Número de membros
Comerciantes	15 doadores
Proprietários	3 doadores
Acadêmicos ⁴⁹	14 doadores
Políticos e Funcionários Públicos	30 doadores
Militares	23 doadores
Clero	18 doadores
Sem informação	31 doadores
Total de doadores	111 doadores
Nº de doadores que transitam entre classes	23 doadores

Fonte: Gazeta de Buenos Aires, edições extraordinárias referentes aos dias 25 de setembro, 2 de outubro, 23 de outubro; e edição 24, de 15 de novembro de 1810.

É evidente, a partir dessa primeira tabela, a existência de uma estrutura organizacional da sociedade que remonta àquela proposta por Mawe, mesmo após a eclosão dos conflitos. Todavia, algumas ressalvas e explicações se fazem necessárias. Primeiramente, é impossível afirmar que o cenário apresentado pelos dados expostos correspondesse à totalidade das atividades e grupos da ex-capital do Vice-Reino do Prata, uma vez que a fonte da qual as informações foram retiradas pressupõe uma elite letrada de indivíduos, cujas doações apontam para interesses particulares em relação à Biblioteca Pública. Ponto manifestado por Di Meglio, o acesso ao letramento distinguia a plebe e as elites econômicas desde o período colonial⁵⁰, todavia, é possível encarar essa informação muito mais como um elitismo político do que econômico, a partir

⁴⁸ As informações obtidas nas edições do periódico não estão devidamente completas, por esse motivo, o presente trabalho tomou a liberdade de realizar outras pesquisas a fim de complementá-las. Para os nomes evidenciados nas listas de doadores, cujas descrições de possíveis cargos não constavam, foram realizadas pesquisas de cunho biográfico breve, na tentativa de identificar as trajetórias de cada indivíduo, usando como principal ferramenta as páginas da própria Gazeta de Buenos Aires e, ainda, o site da Real Academia de História da Argentina, disponível no seguinte endereço: <https://www.rah.es/>. O grupo das pessoas sem informações, maior dos conjuntos aqui estipulados, é formado pelos indivíduos sobre os quais não se conseguiu levantar nada de relevante.

⁴⁹ Por acadêmicos nesta pesquisa se considera os indivíduos que atuavam como médicos, professores, doutores e advogados.

⁵⁰ Di Meglio, *¡Viva el bajo pueblo!* p. 44.

dos movimentos de maio de 1810, fator que não necessariamente significava a interrupção na circulação das ideias independentistas. Em verdade, como aponta o historiador William Acree,

a ênfase recém-semeada na importância da palavra impressa – promovida como um sinal tangível de legitimidade – começou a abrir uma nova esfera pública que incentivava uma maior interação entre as elites letradas (que podiam exercer o poder através da tecnologia da comunicação). e aqueles (alfabetizados ou não) que ocupavam posições inferiores na hierarquia social, como negros livres, mulheres e escravos. Bibliotecas públicas e festas patrióticas foram exemplos de novos espaços de encontro.⁵¹

Outro ponto a ser ressaltado é a mudança da terceira classe. O pesquisador, à época, apontava os artesãos como o grupo em terceiro grau de importância para organização da cidade de Buenos Aires, ao suprimir este grupo, substituindo-o pelo grupo dos acadêmicos, a pesquisa não desconsidera a existência e importância dele para o meio, mas compreende, partindo da ideia de que o meio acadêmico propiciava a ascensão social e política, que os estudiosos podem ocupar esse lugar, uma vez que não necessariamente precisavam descender de classes fidalgas para angariarem espaço e prestígio dentro da sociedade política emergente; além de representarem a característica supramencionada da sociedade platina, no final do XVIII e início do XIX, de aproximação com o letramento.

Quem também representa o período aqui analisado é o grupo dos funcionários públicos e políticos, que depois da categoria sem informações, é o conjunto com o maior número de membros, configurando-se, também, como a maior classe entre as descritas na estrutura de Mawe.

⁵¹ William Acree, *La lectura cotidiana: cultura impresa e identidad colectiva en el Rio de la Plata (1780-1910)*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013, p. 29

(...) el énfasis recién sembrado en la importancia de la palabra impresa – promovida como un signo tangible de legitimidad – comenzó a abrir una nueva esfera pública que alentó una mayor interacción entre elites letradas (que podían ejercer el poder a través de la tecnología de lo escrito) y aquellos (alfabetizados o no) que ocupaban posiciones inferiores en la jerarquía social, como los negros libres, las mujeres y los esclavos. Las bibliotecas públicas y las celebraciones patrióticas fueron ejemplos de nuevos espacios de reunión.

Tabela 2 – Número de indivíduos que transitam entre várias classes durante sua trajetória.⁵²

Classes	Total de membros	Subcategorias dentro da classe principal
Comerciantes	10 doadores	2 Acadêmicos; 8 Políticos e Funcionários Público; 4 Militares
Proprietários	2 doadores	2 Militares
Acadêmicos	9 doadores	2 Comerciantes; 3 Políticos e Funcionários Públicos; 5 Clero.
Políticos e Funcionários Públicos	14 doadores	8 Comerciantes; 3 Acadêmicos; 7 Militares
Militares	9 doadores	4 Comerciantes; 2 Proprietários; 1 Acadêmico; 7 Políticos e Funcionários Público;
Clero	5 doadores	5 Acadêmicos

Fonte: Gazeta de Buenos Aires, edições extraordinárias referentes aos dias 25 de setembro, 2 de outubro, 23 de outubro; e edição 24, de 15 de novembro de 1810.

Quando analisado somente o número de indivíduos que transitam pelas classes é possível identificar a existência de grande circulação e/ou atuação variada por parte desses indivíduos. Se somados os números de membros de cada classe, expostos na *Tabela 2*, chega-se ao total de 49 indivíduos, 26 a mais do que pressupõe a contagem da primeira tabela. Essa diferença pode ser interpretada como o número de vezes que o grupo alterna sua categoria, embora não corresponda a uma estimativa individual de cada membro.

Outro ponto interessante de ser observado a partir desta tabela são os números apresentados nas categorias de comerciantes; funcionários públicos e políticos; e militares. Quando comparados à primeira tabela, as colocações por número de membros se alteram um pouco, levando a categoria de militares, apresentada como a segunda mais densa na *Tabela 1*, a assumir o terceiro lugar, empatada com os acadêmicos, enquanto a categoria dos comerciantes sobe para o segundo lugar. Esse quadro ascendente da classe evidencia mais uma vez a característica comercial da região de Buenos Aires, reforçando a importância atribuída por John Mawe à categoria, uma vez que todos os comerciantes contabilizados na tabela também atuam em outros grupos, sendo a maioria deles políticos. A hegemonia da classe dos funcionários públicos e políticos, em

⁵² Se somados os números de todas as categorias é possível chegar ao total de 49 indivíduos, destoando da contagem inicial de 23 membros; da mesma forma, se somadas as subcategorias dentro de cada classe, haverá distinção entre os valores principais apresentados. Mediante isso, se faz necessário o esclarecimento de que em ambos os casos existem personagens que desempenharam mais de duas carreiras, podendo, por exemplo, acumular a carreira de político, militar, comerciante e acadêmico, ao mesmo tempo.

ambas as tabelas, pode ser atribuída a dois fatores: a) à politização da sociedade, decorrente do período de crise do antigo regime, iniciado ainda no final do século XVIII, com as reformas borbônicas, a difusão das ideias iluministas e a revolução francesa, da criação das Juntas de Governo Provisório, ainda em 1808, e da eclosão dos conflitos de independência por toda a América Hispânica, pós-1810; e b) à incorporação de profissionais de outras categorias à vida pública.

Dentro do cenário viabilizado pelas fontes consultadas, a união de comerciantes, militares, funcionários públicos e políticos em um grupo social majoritário e transversal, além de reforçar as principais características de formação da região platina, também ajuda a compreender com mais facilidade a relação entre essa sociedade e os grupos corsários, principalmente quando levado em conta o fato de que estes estiveram presentes ali desde antes das invasões britânicas, e que foram conformados, muitas vezes, a partir de grupos envolvidos comercial, política ou militarmente com as guerras do Atlântico norte, sendo mais fortemente evocados na Região Platina a partir dos decretos emitidos entre o final de 1816 e começo de 1817.

A guerra, o povo e os corsários

Além da mudança nas estruturas sociais e do impulsionamento da escrita, já apontados acima, a eclosão dos conflitos de independência trouxe consigo uma mudança na organização da diplomacia hispano-americana. A narrativa e a interpretação dos eventos vivenciados foram sendo conduzidas e exportadas conforme os interesses de cada grupo. Conforme apontado por Caitlin Fitz, durante os anos que perduraram os conflitos, alguns poucos insurgentes imigraram para os Estados Unidos e embora, enquanto governo, a confederação buscasse pela neutralidade a fim de manter o comércio ativo com ambos os lados do conflito, enquanto grupos sociais, a presença e as narrativas importadas pelos rebeldes hispano-americanos e sul-americanos, garantiu uma mudança na opinião daquela sociedade⁵³. “Então, eles convenceram editores e escritores a replicarem essas histórias para leitores curiosos de todo o país, emoldurando e alimentando as histórias que os espectadores dos EUA estavam começando a contar a si mesmos sobre a onda de revoluções que agitou a parte sul do globo”⁵⁴.

⁵³ Caitlin Fitz, *Our sister republics: The United States in the Age of American Revolutions*, New York/London: Liveright Publishing Corporation, 2016. pp. 45-72.

⁵⁴ Fitz, *Our sister republics*, p. 45 “Then, they convinced editors and writers to replicate those stories for curious readers the nation over, framing and fueling the tales that U.S. onlookers were beginning to tell themselves about the wave of revolutions that churned the southern part of the globe”.

Familiarizados que eram com as práticas de patrocínio a corsários, desde o século XVIII⁵⁵, uma vez que, conforme salienta Lauren Benton, os contemporâneos compreendiam nitidamente que a autoridade política muito dependia do controle dos portos e do comércio que por eles circulava – o mundo marítimo configurava-se muito mais amplo, indo além das oportunidades comerciais e constituindo-se como um campo político e jurídico mais vasto para essas sociedades⁵⁶ –, os portenhos se apoiaram na experiência estadunidense e no genuíno interesse comercial destes, para garantir seu contingente corsário. Assim, ademais do apoio e das histórias veiculadas pelos periodistas, o trabalho realizado pelos insurgentes que chegaram à parte norte do continente também garantiu e angariou, em meio a comemorações e brindes aos rebeldes sul-americanos⁵⁷, embarcações, munições e pessoas para a manutenção do conflito, permitindo o ingresso de muitos estrangeiros em terras buenaireses.

Um exemplo desse movimento pode ser visto quando considerada a trajetória do capitão Thomas Taylor, apresentada por David Head em pelo menos dois de seus artigos⁵⁸. Taylor, nascido em Delaware, teria imigrado para a região das Províncias Unidas do Prata, assim que os governos começaram a declarar independência; uma vez ali, naturalizou-se cidadão local e começou a atuar como corsário para o Governo de Buenos Aires. Em sua atuação o capitão ficou encarregado de angariar ainda mais forças para o Governo do Prata. “Carregando meia dúzia de encomendas, Taylor desembarcou em Annapolis em janeiro de 1816, fez seu caminho para Baltimore e começou a procurar um navio e homens com pensamentos semelhantes para lutar contra as revoluções hispano-americanas dos Estados Unidos”⁵⁹. Chegando lá,

⁵⁵ Eduardo Sartoretto, ““Para donde quiera que fuese, será buena presa”: Uma análise da atuação e das relações dos corsários insurgentes de Buenos Aires, no início do século XIX”, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. pp. 77-89; Daniel Calixto Garrido, “Las Ordenanzas de Corso y el Marco de Actuación Corsario”, Tese (Doutorado em História), Universidad Carlos III, Madrid, 2016. pp. 21-89.

⁵⁶ Lauren Benton, “Strange Sovereignty”: The Provincia Oriental in the Atlantic World”, *20/10 (El mundo atlántico y la modernidad Iberoamericana, 1750-1850)*, v. 1 (2012), pp. 89-107. (p. 93).

⁵⁷ Fitz aponta para o fato de que “Entre 1810 e 1815, os mestres de brindes do 4 de julho eram duas vezes mais propensos a falar da América do Sul (que geralmente não incluía o México e a Flórida) do que da América espanhola”, muito como resultado da atuação dos imigrantes sul-americanos e da veiculação parcial das notícias sobre a guerra.

⁵⁸ David Head, “A different kind of Maritime Predation: South American Privateering from Baltimore, 1816-1820”, *International Journal of Naval History*. v. 7, n. 2 (2008), pp. 1-38; David Head, “New nations, new connections: Spanish American Privateering from the United States and the Development of Atlantic Relations”, *Early American Studies*, v. 11, n. 1 (2013), pp. 161-175.

⁵⁹ Head, “New nations, new connections”, p. 162. “Carrying a half dozen commissions, Taylor landed at Annapolis in January 1816, made his way to Baltimore, and began looking for a ship and likeminded men to fight the Spanish American revolutions from the United States”

Taylor localizou um navio e equipou-o como um corsário, embora o cruzeiro tenha terminado mal quando a tripulação encenou um motim. Implacável, Taylor se reagrupou com um plano mais ambicioso para sua próxima comissão. Ele encontrou investidores em Baltimore dispostos a comprar um novo navio e equipá-lo como corsário. Incluídos no grupo estavam Joseph Karrick, diretor de uma seguradora e comerciante com negócios na Europa e no Caribe; Joseph Snyder, dono de uma mercearia e fornecedor; Joseph W. Patterson, filho mais novo do príncipe comerciante de Baltimore, William Patterson; Matthew Murray, ex-xerife do Condado de Baltimore; John Sands, um alfaiate mercante; e John S. Skinner, o postmaster de Baltimore, bem como advogado, jornalista e amigo de Thomas Jefferson e James Madison. Com suas conexões com Buenos Aires legitimando todas as capturas que o navio faria, Taylor prometeu que “faria uma fortuna para qualquer preocupação que pudesse equipá-la... e isso em alguns meses.”⁶⁰

Da mesma forma que Taylor e Brown, outros indivíduos envolvidos com o curso insurgente acabaram por buscar se estabelecer enquanto cidadãos de Buenos Aires. Um deles, o português José Almeida, já era grande conhecido dos Estados Unidos quando se juntou ao curso no Prata. Naturalizado estadunidense em Baltimore, em 1796, Almeida construiu seu nome como capitão corsário durante a guerra contra a Inglaterra e, uma vez findada esta, buscou continuar como corsário nos conflitos hispano-americanos, conhecendo Thomas Taylor e assim se associando ao Governo de Buenos Aires. Uma vez como corsário, a naturalização veio como forma de aprimorar sua atuação e auxiliar as justificativas apresentadas nos tribunais de presas⁶¹.

⁶⁰ Head, “New nations, new connections”, p. 166. “Taylor located a ship and fitted it out as a privateer, though the cruise ended badly when the crew staged a mutiny. Undeterred, Taylor regrouped with a more ambitious plan for his next commission. He found investors in Baltimore willing to purchase a new vessel and fit it out as a privateer. Included in the group were Joseph Karrick, an insurance company director and merchant with dealings throughout Europe and the Caribbean; Joseph Snyder, a grocery store owner and chandler; Joseph W. Patterson, youngest son of the Baltimore merchant prince William Patterson; Matthew Murray, former sheriff of Baltimore County; John Sands, a merchant-tailor; and John S. Skinner, the postmaster of Baltimore as well as a lawyer, journalist, and friend of Thomas Jefferson and James Madison. With his connections to Buenos Aires legitimizing any captures the vessel would make, Taylor promised that it would “make a fortune for any concern who would fit her out... and that in a few months.”

⁶¹ Jeffrey Orenstein, “Joseph Almeida: Portrait of a Privateer, Pirate & Pantiff”, part I, *The Green Bag*, v. 10, n. 3 (2007), pp. 306-328.; Jeffrey Orenstein, “Joseph Almeida: Portrait of a Privateer, Pirate & Pantiff”, part II. *The Green Bag*, v. 12, n. 1 (2008), pp. 35-52.

Assim como a própria utilização da atividade corsária, essa busca pela naturalização, pelo estabelecimento e prosperidade familiar de oficiais e marujos dos corsários que atuavam pelos Governos da região do Rio da Prata, não é algo específico do período da independência. É o caso do contador da embarcação *San Francisco Xavier*, o Buenos Aires, Pedro del Caño, que em primeiro de abril de 1801 faz a seguinte interpelação ao então membro do Consulado do Comércio de Buenos Aires e possível político, à época, D. Martín de Alzaga:

Meu caro senhor, no que falei à vossa mercê sobre a atribuição da doadora desta que é minha esposa. Se servir à vossa mercê dar-lhe Vinte pesos por mês a começar no dia primeiro de abril. E se por algum motivo me decidir, dar alguma outra coisa mais, poderá vossa mercê dar-lhe, que com meus salários, satisfarei as quantias que minha [incompreensível] esposa recebeu, e se eu chegar a falecer, ela poderá cobrar os salários, se forem devidos, porque esta é a minha vontade.⁶²

A resposta que segue dá conta do atendimento do pedido de Del Caño,

Buenos Aires, 19 de Maio de 1801

Em atenção ao que solicita o acima mencionado contador do Bergantim *San Francisco Xavier*, pseudônimo, o Buenos-Ayres. Liberem-se mensalmente à D.a Martina Cabresa, vinte pesos dos cinquenta pesos que estão atribuídos ao referido Contador, seu marido, e a este respeito se faça sua nota, desde o primeiro do passado mês de Abril.

Belgrano.⁶³

Ainda nesse sentido e utilizando-se do cargo como contador para realizar esse tipo de função, Pedro del Caño também atuava em favor de outros marujos do *San Francisco Xavier*, como são os casos do Prático Benito Lomba e do

⁶² AGN. Sala IX 04-08-02. *División Colonia – Sección Gobierno Consulado de Bs As. (1800-1807)*. “Mui señor mio en lo que hablo a vm. sobre la asignacion la doadora de esta que es mi esposa. Se ha de servir vm. darle Beinte pesos mensuales y principio esta d.e el primero de Abril. Y si por algun a caso me decidase, alguna cosa mas podra vm. darle, que con mis salarios, satisfare las cantidades que mi (incompreensível) Esposa haiga recibido, y se llega sé fallecer, podra esta cobrar los sueldos, si tuvieren vencidos, que por ser esta mi voluntad”.

⁶³ AGN. Sala IX 04-08-02. *División Colonia – Sección Gobierno Consulado de Bs As. (1800-1807)*. “B.s A.s, Mayo 19 de 1801. En atencion à lo que solicita el arriba firmado contador del Bergantin S.n Fran.co Xavier, alias, el Buenos-Ayres. Librensele mensualmente à D.a Martina Cabresa veinte pesos de los cinquenta pesos que le estan assignados al referido Contador, su marido, y a este respecto hagasele su afunte, desde primero del pasado Mes de Abril. Belgrano”.

Mordomo do navio, Josef Maria Late, cujas petições e respostas, respectivamente, foram

Benito Lomba, Prático do Bergantim Nomeado San Francisco Xavier, pseudônimo de Buenos Ayres, próprio do Real Tribunal do Consulado. Deixa à sua esposa, Dona Maria Tereza de Jesus, à conta, os trinta e cinco Pesos mensais que este tribunal lhe atribuiu pelo emprego que goza no expressado Navio. O que fica notado desde o primeiro de Abril de mil oitocentos e um =

Buenos Aires, 7 de Maio de 1801

Liberem-se mensalmente, em favor de Dona Maria Tereza de Jesus os quinze dezessete pesos, quatro reales em parte da metade do soldo que goza seu marido, Benito Lomba, empregado na qualidade de Prático no Bergantim San Francisco Xavier, próprio desde Consulado. Ficando a outra metade para os resultados até o regresso de seu marido, o que de outra forma se faça seus ajustes.⁶⁴

(...)

José Maria Late. Mordomo e despenseiro do Bergantim Nomeado San Francisco Xavier, Pseudônimo de Buenos Aires, próprio do Real Tribunal do Consulado, deixa à sua Esposa Dona Maria Baldovinos a quantidade de quinze pesos mensais atribuídos desde o primeiro de Abril, como conta no livro de Fazenda do expressado Navio, e para que conte o assina a bordo da citada embarcação ancorada nas Balizas de Buenos Aires, em 8 de Abril de 1801.

Buenos Aires, 7 de Maio de 1801

Mediante o fato de que a atribuição que fez José Maria Late à sua mulher Ana Maria Baldovinos é metade dos trinta pesos que ele ganhou na qualidade de mordomo do Bergantim San Francisco Xavier, próprio deste Consulado,

⁶⁴ AGN, Sala IX 04-08-02, *División Colonia – Sección Gobierno Consulado de Bs As. (1800-1807)*. “Benito Lomba Practico del Bergantin Nombrado San Fran.co Xavier Alias de Buenos Ayres propio del R.l Trivunal del Consulado. Deja à su esposa D.a Maria Tereza de Jesus, à conta los treinta y cinco Pesos mensuales que este trivunal le asignado por el empleo que goza en el expresado Buque. Lo que queda notado d.e el primero de Abril de mil ochocientos y uno = B.s Ay.s 7 de Mayo de 1801. Librense mensualm.te à favor de D.a M.a Teresa de Jesus los quinze diez y siete pesos, cuatro rl.s imparte de la mitad del sueldo que goza su marido Benito Lomba empleado en calidad de Practico en el Bergantin S.n Xav.r, propio de ese Consulado. Quedando la otra mitad para las resultas ht.a el regreso de su marido, o q.e en otra forma se le haga su ajustes.

liberem-se pela Contadoria mensalmente, contando desde o 1º de Abril, em favor da referida Ana Maria Baldovinos.⁶⁵

Em todos os casos, é possível identificar a existência de um vínculo terrestre dos homens do mar, manifestado pela figura de suas respectivas mulheres. Embora não seja explicitado nos documentos aqui apresentados, é viável considerar, com base na trajetória de outros personagens na mesma condição, como o próprio Guillermo Brown⁶⁶, que as beneficiárias destas petições também carregassem a responsabilidade de manter uma prole, fato que pode viabilizar o compromisso de 40, 50 ou até 100% da renda desses indivíduos, conforme manifestado nas petições de cada um.

Todavia, não eram só com vínculos consanguíneos que se estabeleciam os corsários na região. Se existiam indivíduos estrangeiros interessados em se instalar e obter a cidadania dispensada pelas autoridades do Prata para fazer curso, também existiam portenhos dispostos a atuar como financiadores e mediadores desses indivíduos. Aqui, a configuração da sociedade de Buenos Aires, apontada anteriormente, tem grande importância, uma vez que os financiadores e armadores das embarcações corsárias eram pessoas da elite social local⁶⁷. Se resgatadas as informações da última tabela e consideradas como elite as três classes com maior número de adeptos é possível entender a dinâmica das redes de relacionamento dos indivíduos corsários, uma vez que é compreensível que a parte financiadora das empresas de curso era a parcela mais abastada, politizada e militarizada. À essa ideia, pode-se acrescentar as informações fornecidas pelos registros de presas e de entradas e saídas do porto de Buenos Aires, entre os anos de 1817 e 1819:

⁶⁵ AGN, Sala IX 04-08-02, *División Colonia – Sección Gobierno Consulado de Bs As. (1800-1807)*. “Josef Maria Late. Mayordomo y despensero del Bergantin Nombrado S.n Fran.co Xavier Alias de Buenos Ayres propio del R.l Trivunal del Consulado, deja a su Esposa D.a Ana Maria Baldovinos la cantidad de quince Pesos mensuales àsignados d.e el primero de Abril, como conta en el libro de Asienda del expresado Buque, y para que conte lo firma a bordo del citado Bajel al ancla en las Balisas de Buenos Ayres a 8 de Abril de 1801. B.s Ay.s 7 de Mayo de 1801. Mediante o q.e la asignacion q.e ha hecho José M.a Late a su mujer Ana Maria Baldovinos es la mitad de los treinta p.os q.e ha ganando (sic) en calidad de mayordomo del Bergantin S.n Xavier propio de este Cons.do líbrense p.r la Contaduria mensuam.^{te} contando desde 1º de Abril anterior a favor de la referida Ana Maria Baldovinos”

⁶⁶ Durante sua trajetória como habitante e corsário do Governo de Buenos Aires, Brown e sua esposa Elizabeth Chitty tiveram vários filhos, sendo eles Elizabeth, nascida em 1810; Guillermo, nascido em 1812; Ignacio Estanislao, nascido em 1815; Martina García Rosa Josefa Estanilada de Jesús, nascida em 1815; Eduardo, nascido em 1816-1854; entre outros. Mais informações disponíveis em: <https://es-academic.com/dic.nsf/eswiki/551444>; e <https://www.geni.com/people/Admiral-William-Brown/6000000003206509852>.

⁶⁷ Feliciano Gámez Duarte, “El desafío insurgente. Análisis del curso hispanoamericano desde la perspectiva peninsular: 1812-1828”. Tese (Doctorado en Historia), Universidad de La Rioja, Logroño, 2004. pp. 171-180.

Tabela 3 – *Relação de navios corsários, presas, capitães e armadores.*

Corsário	Capitão	Consignatário	Presa
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	Leona
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	San Andres
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	Nra. Sra. de Gracia
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	Carlota
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	Sereno
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	Los tres amigos
Congreso	D. José Armida	D. David Cortes de Forest	Tenerife
Congreso	D. Ezra Brew	D. Juan Pedro Aguirre	San Francisco de Asis
Congreso	D. José Joaquín de Almeyda	D. Juan Pedro Aguirre	-
Congreso	Tomas Traske	D. Juan Pedro Aguirre	Diana
Congreso	Tomas Traske	D. Juan Pedro Aguirre	Hermosa María
Congreso	Guillermo Barrs	D. Juan Pedro Aguirre	San Francisco de Paula
Congreso	José Miers	D. Juan Pedro Aguirre	Mariana
Independencia	D. Miguel Ferreres	D. Juan Pedro Aguirre	San José y Animas
Independencia	D. Miguel Ferreres	D. Juan Pedro Aguirre	Nra. Sra. del Rosario
Independencia	D. Miguel Ferreres	D. Adan Guy	Teresa
Independencia	D. Miguel Ferreres	D. Adan Guy	Nra. Sra. de Mercedes
Independencia	D. Miguel Ferreres	D. Adan Guy	Nra. Sra. de las Dolores
Independencia	D. Miguel Ferreres	D. Adan Guy	Nra. Sra. del Buen Suceso
San Martin	D. Isaac W. Martin	D. John Higginbotham	Teresa
San Martin	D. Isaac W. Martin	D. John Higginbotham	Nra. Sra. de Mercedes
San Martin	D. Isaac W. Martin	D. John Higginbotham	Bergantin Santo Cristo de la Salud
San Martin	D. Isaac W. Martin	D. John	Gran Pará

		Higginbotham	
San Martin	D. Isaac W. Martin	D. John Higginbotham	Carolina
San Martin	Jprague	D. John Higginbotham	Jesus
Tucuman	D. Francisco Fouruer	D. Juan Pedro Aguirre	Iris
Tucuman	D. Carlos Funier	D. Juan Pedro Aguirre	Rosario
Tucuman	Mr. Pores Willam	D. David Cortes de Forest e companhia	Veloz
Tucuman	Mr. Pores Willam	D. David Cortes de Forest e companhia	-
Tucuman	D. Julian Chebas	D. David Cortes de Forest e companhia	María Josefa
Tucuman	Juan Melet (cabo de presa)	Linch Zimmerman e companhia.	Brillante
Motézuma	D. Jorge Ross	D. Jorge Macfarlanes	Nra. Sra. del Carmen
Motézuma	D. Jorge Ross	D. Jorge Macfarlanes	Carmen y Animas
Motézuma	D. Jorge Ross	D. Jorge Macfarlanes	Minerva
Motézuma	D. Jorge Ross	D. Jorge Macfarlanes	Tagle
Motézuma	D. Jorge Ross	D. Jorge Macfarlanes	Comercio
Independencia del Sud	Ramon Torres y Conde	D. Adan Guy	La Aventurera
Independencia del Sud	D. Diego Chailot	D. Adan Guy	San Buenaventura
Independencia del Sud	D. Diego Chailot	D. Adan Guy	Concepcion
Independencia del Sud	D. Diego Chailot	D. David Cortes de Forest	Independencia del Sud
Vigilancia	Juan Crisóstomo de Urquiza	D. Adan Guy	Santo Tomas
Vigilancia	D. George H. Ross	D. Adan Guy	-
Vigilancia	George Row	D. Adan Guy	-
Vigilancia	George Row	D. Adan Guy	Diligente
Constitución	-	D. Guillermo Ford	Castilla
Constitución	D. Santiago Smith	D. Guillermo Ford	Paloma
Constitución	Mr. Mathews Pardis	D. Guillermo Ford	Santisima Carmen
Zephir	D. Tomas Teles	D. Guillermo G Miller	Montserrat
Zephir	D. Tomas Teles	D. Guillermo G Miller	Divina Pastora
Tupac Amaru	D. Marcena Monson	D. David Cortes de Forest	Triton
Tupac Amaru	Juan Magdfadole	D. David Cortes de	Santo Christo

		Forest e companhia	
Invencible	D. David Fewett	D. David Fewett e D. David Cortes de Forest	Santander
Invencible	D. David Fewett	D. David Fewett e D. David Cortes de Forest	Tita
Rio de la Plata	Clemente B. Durrl	D. John Higginbotham	Gerona
Rio de la Plata	Martin Suvet	D. John Higginbotham	-
General San Martin	-	D. John Higginbotham	María Josefa
General San Martin	-	D. John Higginbotham	Paraguay
Union	David Miler	Juan Pedro Aguirre	Cristina
Union	D. Guillermo Brown	D. John Higginbotham	Trinidad
Hércules	D. Guillermo Brown	-	Consequência
Trinidad	D. Guillermo Brown	-	Consequência
Alcon	D. Hipolito Buchard	-	Consequência
Potosí	D. Juan Chaces	-	Ciencia
La pescadora	D. Ebenizer It Mix	D. Juan Pedro Aguirre	-
Alerta	Daniel Chaitor	D. Adan Guy	-
Criollo de Buenos Ayres	Timoteo Bernardo (cabo de presa)	D. Guillermo P. Ford	Carmen
Puerreydon	D. Samuel Smith (cabo de presa)	D. John Higginbotham	San Jose
Mangoré	-	-	Nra. Sra. del Buen Suceso

Fonte: *Gaceta de Buenos Aires*. Edições: 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 53; Extraordinária de 27 de março de 1818; 66; 92; 93; 96; 98; 99; 100; 102; 110; e 134.

Ainda que vasta, a tabela traz um número limitado de embarcações corsárias e de armadores. Se comparados com os capitães, o número de armadores é consideravelmente menor, isso porque dos 45 indivíduos⁶⁸ contabilizados na tabela acima, 36 deles são marujos (capitães e cabos de presa), ou seja, os armadores são apenas 20% do todo. Ainda, quando observados os nomes dos membros dessa classe é possível constatar um monopólio do

⁶⁸ Para chegar a esse resultado, a pesquisa considera os indivíduos Jorge Ross e George H. Ross, como personas diferentes. Apesar da pesquisa empenhada, não houve sucesso em constatar de maneira mais precisa essa informação. Parte-se, portanto, da ideia de que esses indivíduos atuaram como corsários em embarcações diferentes, pertencentes a armadores diferentes.

empreendimento que condiz com o que é apontado por Feliciano Gámes Duarte, em sua tese: “Os principais armadores portenhos foram David De Forest, Jorge Macfarlane, Juan Pedro Aguirre, Adan Guy, Juan Highinbothon, Vicente Anastasio Echevarría, Guillermo P. Ford e José Joaquim de Almeida, entre outros”⁶⁹.

Tabela 4 – Número de embarcações corsárias por armador

Armadores	Embarcações corsárias
Juan Pedro Aguirre	1- Congreso; 2 - Tucuman; 3 - Independencia; 4 - Union; 5 - Pescadora;
John Higginbotham	1 - San Martín; 2 - General San Martín; 3 - Rio de la Plata; 4 - Union; 5 - Puerreydon;
David C. de Forest	1 - Congreso; 2 - Independencia del Sud; 3 - Tupac Amaru; 4 - Tucuman;
Adan Guy	1 - Vigilancia; 2 - Independencia del Sud; 3 - Independencia; 4 - Alerta;
Guillermo P. Ford	1 - Constitución; 2 - Criollo de Buenos Ayres
David Fewett ⁷⁰ e David C. Forest	1 - Invencible
Linch Zimmerman	1 - Tucuman
Jorge Macfarlanes	1 - Motezuma
Guillermo G. Miller	1 - Zephir
Sem informações	1 - Alcon; 2 - Hércules; 3 - Trinidad; 4 - Potosí; 5 - Mangoré

Fonte: *Gaceta de Buenos Aires*. Edições: 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 53; Extraordinária de 27 de março de 1818; 66; 92; 93; 96; 98; 99; 100; 102; 110; e 134.

Dos citados por Duarte, somente Vicente Anastasio Echevarría não aparece na tabela e nas fontes consultadas; José Joaquín Almeyda, por sua vez, se apresenta como capitão da *Congreso*, armada por Juan Pedro Aguirre. Além dos colocados pelo autor como principais, as fontes ainda fornecem nomes como Linch Zimmerman, David Jewett e Guillermo G. Miller.

Entre esses indivíduos, pode ser destacado o papel de Juan Pedro Aguirre, que na tabela aparece como armador de 5 corsários e cuja trajetória no ramo pode ser resumida de maneira simples como um empresário bem-

⁶⁹ Duarte, “El desafio insurgente”, pp. 171-172. “Los principales armadores porteños fueron David De Forest, Jorge Macfarlane, Juan Pedro Aguirre, Adán Guy, Juan Highinbothon, Vicente Anastasio Echevarría, Guillermo P. Ford y José Joaquín de Almeyda entre otros”.

⁷⁰ Leia-se David Jewett, nascido em 1784 nos Estados Unidos, foi um militar e marinheiro local durante as guerras Anglo-Americanas, que em 1815 chegou em Buenos Aires a fim de oferecer seus serviços e experiência como corsário. Entre seus feitos como agente desse governo, está a visita às Ilhas Malvinas e o hasteamento da bandeira do Governo de Buenos Aires e reclamação do território para o mesmo. Maiores informações em: Mario D. Tesler, “Expedición de David Jewett a las Islas Malvinas, 1820-1821”, *Revista Universidad* 74, (1968), pp. 105-152.

sucedido, que chegou a armar entre cinco e sete embarcações tanto em Baltimore, quanto em Buenos Aires, além de ter adquirido cerca de 3 dezenas de patentes de corso em branco, cuja utilização não chegou a ser feita⁷¹. Social e comercialmente, no entanto, Aguirre se apresenta de maneira mais ampla, atuando não apenas em uma, mas nas três principais classes destacadas na Tabela 2. Nascido em 1781, Aguirre atuou como militar na Legião dos Patrícios e resistiu às tentativas de invasão inglesa, em 1807; também operou como político a partir de 1810, quando ocupou o cargo de *alcaide del cuartel n° 8*, nomeado pela Primeira Junta; em 1811 chegou a trabalhar como juiz na Comissão de Segurança Pública e chegou a participar de uma missão diplomática, ao lado de Diego Saavedra, filho de Cornélio Saavedra, para os Estados Unidos, na tentativa de conseguir ajuda e armamentos para a resistência aos espanhóis. Em 1815 foi nomeado tenente-coronel da Milícia Cívica de Infantaria da Capital e participou da Comissão de Guerra, substituindo Blás José Pico, em 1816. Entre 1816 e 1819, também atuou como armador de corsários, ocupação que, pode-se especular, foi facilitada graças às suas experiências militares, políticas e diplomáticas anteriores⁷².

Outro nome interessante, David C. de Forest, também foi um armador bem-sucedido em sua tarefa. Segundo aponta Feliciano, naturalizado portenho em 1812, De Forest chegou a receber 53 patentes de corso do Governo de Buenos Aires, mas, mais do que isso esse indivíduo “destacou-se, além disso, por outras questões em nada alheias ao corso, já que interveio como agente de Buenos Aires nos Estados Unidos e, neste posto, realizou contato com muitos corsários e armadores norte-americanos aos quais proveu de patentes”⁷³.

Em ambos os casos, sua atuação e ligação junto ao Governo na sociedade portenha também é vista em outras situações. Além de político, militar e agente de corso, Aguirre também atuou como comerciante na cidade de Buenos Aires. Quando consideradas as listas com a relação das embarcações que adentraram o porto da cidade, é possível identificar embarcações comerciais que circulavam o Atlântico para comerciar, como é o caso do “Bergantim americano Jun: procedente de Baltimore, de onde saiu em 12 de Agosto último, sob o comando de seu capitão Juan Treff: carregamento 21300 pés de tábua de pino sob a

⁷¹ Duarte, “El desafío insurgente”, pp. 173-174.

⁷² Real Academia de la Historia, *Juan Pedro Julián de Aguirre*, <https://dbe.rah.es/biografias/75068/juan-pedro-julian-de-aguirre>. *Gaceta de Buenos Aires*. Edições: 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 53; Extraordinária de 27 de março de 1818; 66; 92; 93; 96; 98; 99; 100; 102; 110; e 134.

⁷³ Duarte, “El desafío insurgente”, p. 172. “se destacó además por otras cuestiones en nada ajenas al corsarismo, ya que intervino como agente de Buenos Aires en los Estados Unidos y, desde ese puesto, trabó contacto con muchos corsarios y armadores norteamericanos a los que proveyó de patentes”

consignação de D. Juan Pedro Aguirre⁷⁴, ou, ainda, do “Bergantim Nacional Aurora, despachado para Portos Estrangeiros por seu dono D. Juan Pedro Aguirre, sob o comando de seu capitão Francisco Neto, carregamento de 31 fardos, 14 caixotes, 18 fardos e 3 baús de mercadorias, 6 barris de tinta e 20 fanegas de carbono”⁷⁵.

Da mesma forma, na edição 54 da Gazeta de Buenos Aires, emitida em 17 de janeiro de 1817, é possível visualizar-se o seguinte anúncio na sessão de avisos: “D. David C. Deforest pede para comprar um terreno povoado de 15 a 20 léguas quadradas a cerca de 40 ou 50 léguas da cidade: quem o tiver à venda, ver disse o Sr. na casa do Sr. D. Juan Ramon Balcarce em frente à imprensa das crianças enjeitadas”⁷⁶, pode-se especular que o interesse pela propriedade estivesse ligado com a necessidade de estabelecimento na região, para si e para sua família, embora mais tarde regressaria aos EUA, quando sua arrecadação com o curso diminuísse⁷⁷.

Sua participação social ainda se estende às listas de doadores da Biblioteca Pública de Buenos Aires, registradas no ano de 1818. Juan Pedro Aguirre aparece na edição 74 do periódico, datada de 10 de junho daquele ano, doando 17 pesos à instituição, enquanto David C. De Forest aparece na edição de número 72, do dia 27 de maio, doando 102 pesos.

A presença e participação desses indivíduos nessas listas e em outros registros que os apontam como comerciantes, militares e políticos; bem como a trajetória de alguns marinheiros como Guillermo Brown, José Almeida e Thomas Taylor, estabelecidos e naturalizados portenhos, ainda que por um tempo, viabiliza a ideia da importância dos corsários para a sociedade, para além de sua utilidade política e bélica. Assim como os armadores podem ser encarados como membros da classe de comerciantes, estabelecida na sessão anterior, os tripulantes das embarcações corsárias, oficiais ou não, também podem ser incorporados à sociedade, seja como militares, políticos ou membros da plebe, apontada por Di Meglio; interpretação reforçada quando considerado o anúncio realizado na edição 21 do periódico portenho, datada de 24 de maio de 1817: “O facultativo que gostar de embarcar-se como cirurgião em um

⁷⁴ *Gaceta de Buenos Aires*, 27 dez. 1817. “Bergantin americano Jun: procedente de Baltimore, de donde salió el 12 de Agosto último al mando de su capitán Juan Treff: cargamento 21300 pies de tabla de pino à la consignacion de D. Juan Pedro Aguirre”

⁷⁵ *Gaceta de Buenos Aires*, 27 mar. 1818. “Bergantin Nacional Aurora despachado para Puertos Extranjeros por su dueño D. Juan Pedro Aguirre al mando, de su capitán Francisco Neto cargamento, 31 fardos 14 caxones 18 bultos, y 3 baules de generos, 6 barriles de pintura, y 20 fanegas de carbono”

⁷⁶ *Gaceta de Buenos Aires*, 17 jan. 1818. “D. David C. Deforest solicita comprar um terreno poblado de 15 á 20 leguas quadradas á cosa de 40 ó 50 leguas de la ciudad: quien tuviere à venta vèase con dicho Sr. en casa del Sr. D. Juan Ramon Balcarce frente á la imprenta de niños expósitos”.

⁷⁷ Duarte, “El desafío insurgente”, p. 173.

corsário que está para zarpar será auxiliado para isso; e considerado em classe oficial, tomará suas partes respectivas de presa”⁷⁸. É viável, portanto, estabelecer que tanto a repercussão das ações desses agentes que circulavam rios e mares quanto sua interação social, influenciavam e auxiliavam a manutenção da estrutura civil que embasava o Governo de Buenos Aires.

Para além de sua interação com a sociedade portenha, armadores e corsários interagiam diretamente com outros grupos sociais do exterior, de diversas maneiras. Continuando na Região do Rio da Prata e tomando a rivalidade entre Buenos Aires e Montevideu como exemplo, é possível identificar atos que afetavam as sociedades em ambos os lados. Especificamente tratando do curso insurgente, é possível ler a seguinte informação, proveniente de uma comunicação remetida pelo oficial Blás José Pico ao Poder Executivo das Províncias Unidas do Rio da Prata, datada do dia 9 de novembro de 1813 e veiculada na edição de número 80 da *Gaceta de Buenos Aires*:

Neste momento, acabo de receber notícias das Higuieritas e Víboras, em que me avisam com data de ontem, que catorze Embarcações inimigos dos que haviam entrado Guasú acima, desciam em direção ao Porto de Martín García.

Também, sou avisado pelo Tenente D. Joaquim Lima que um Corsário saído da Capital havia apresado uma Balandrinha inimiga, carregada de lenha, com quatro homens de tripulação, dos quais me remeteu dois, havendo ficado o Dono do Corsário com os restantes; estes declaram que a expedição sob o comando do Coronel Luaces havia saído de Martín García com destino ao Arroio Ibicuy, para carnear e prover-se de Cavalos, o que parece ser comprovado pela volta dos Barcos que diziam ir trabalhar os quarteis telhados de palha na Ilha, para conduzir os enfermos que têm na Praça de Montevideu e que aguardavam mais tropa para atacar a Punta Gorda ou outro ponto da Costa.

Estas notícias me obrigam a tomar as mais sérias medidas para a defesa desta Praça e suas Margens, convocando toda a Milícia que eu tinha adiado anteriormente, calculando que posso reunir um

⁷⁸ *Gaceta de Buenos Aires*, 24 mai. 1817. “El facultativo que gustase embarcarse de cirujano en un corsario que esta para zarpar, será auxiliado para ello; y considerado en clase de oficial, tomará à este respecto sus partes de presa”.

número considerável de todas as armas.⁷⁹

As informações contidas nessa correspondência dão conta de vários pontos importantes para a compreensão da interação dos corsários com as sociedades platinas. Em primeiro lugar, fica claro que o momento de beligerância local exige das tropas envolvidas um monitoramento constante da região, seus moradores e possíveis movimentações suspeitas. Em segundo lugar, é destacada a importância estratégica de locais no interior do continente, como a Ilha de Martin Garcia, para ambos os lados do conflito, manifestada nos interesses de dominação espacial, mas, ainda, em interesses triviais como o reabastecimento dos suprimentos das embarcações. Se considerada verdadeira a informação recebida por Pico, pode-se estabelecer que este era o principal interesse da expedição avistada e, também, que na ilha de Martin Garcia haveria indivíduos ou grupos responsáveis pelo acolhimento e auxílio desses navios; grupos alinhados às políticas de Montevideu. Por último, é fato a prontidão das tropas buenaienses em agir para desestruturar as ações adversárias, demonstrando, conseqüentemente, que estavam acostumadas com esse tipo de movimentação, bem como mantinham-se sempre desconfiadas em relação aos demais. Os corsários ali envolvidos tornavam-se parte crucial do processo, uma vez que suas ações afetavam diretamente a população estabelecida na ilha, ao inviabilizar seu abastecimento, através do apresamento das embarcações que o transportavam.

Considerações finais

Os corsários, para além de sua importância política e de guerra, constituíam parte da sociedade portenha. Enquanto um grupo distinto, interagiam diretamente com os demais, através de seu estabelecimento em terra, da naturalização e da construção de laços familiares e de amizade. Além disso,

⁷⁹ *Gaceta de Buenos Aires*, 24 nov. 1813. “En este momento acabo de recibir partes de las Higuieritas, y Viboras en que me avisan con fecha de ayer que catorce Buques enemigos de los que habian entrado Guasú arriba, baxaban con direccion hacia el Puerto de Martin García. Tambien se me avisa por el Teniente D. Joaquin Lima que un Corsario salido de la Capital habia apresado una Balandrita enemiga cargada de leña con quatro hombres de tripulacion, de los cuales me ha remitido dos habiendose quedado el Patron del Corsario con los restantes; estos declaran que la expedicion al mando del Coronel Luaces habia salido de Martin Garcia con destino al Arroyo Bicuy (sic) á carnear y proveerse de Caballos, lo que parece comprobarse por la vuelta de los Buques que en la Isla se decia iban á trabajar Cuarteles techados de paja para conducir los enfermos que tienen en la Plaza de Montevideo, y que aguardaban mas tropa para atacar á Punta Gorda ú otro punto de la Costa. Estas noticias me obligan á tomar las mas serias medidas para la defensa de esta Plaza y sus Costas, convocando toda la Milicia que ya de antemano tenía aplazada, calculando que puedo reunir hasta un número considerable de toda arma”.

também eram parte importante no giro econômico, uma vez que havia a inserção de suas presas no mercado local, além de muitos armadores atuarem também como comerciantes.

Para além destas questões, é possível identificar a divisão social desse grupo. Enquanto os oficiais constituíam parte das elites sociais, como políticos, comerciantes, militares e acadêmicos, como apontam as fontes e os casos de personagens como Thomas Taylor e Guillermo Brown, o restante da marinharia era parte do baixo povo, grupo composto por indivíduos pobres que dependiam mais da economia local do que a influenciavam.

Referências bibliográficas

Alejandro M Rabinovich, "Primero guerra, luego revolución. Halperin Donghi y el proceso de militarización del Río de la Plata", *Anuario Facultad Ciencias Humanas*, n. 11, v. 11 (2014), pp. 1-6.

Caitlin Fitz, *Our sister republics: The United States in the Age of American Revolutions*, New York/London: Liveright Publishing Corporation, 2016.

David Head, "A different kind of Maritime Predation: South American Privateering from Baltimore, 1816-1820", *International Journal of Naval History*. v. 7, n. 2 (2008), pp. 1-38.

David Head, "New nations, new connections: Spanish American Privateering from the United States and the Development of Atlantic Relations", *Early American Studies*, v. 11, n. 1 (2013), pp. 161-175.

Eduardo Sartoretto, "'Tengo el Honor de ser el Más Obediente y Humilde Servidor de Vuestra Excelencia': uma análise das movimentações e práticas de corso e pirataria na Região do Rio da Prata (1810-1822)", Monografia (Curso de História), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

Eduardo Sartoretto, "'Para donde quiera que fuese, será buena presa': Uma análise de atuação e das relações dos corsários insurgentes de Buenos Aires, no início do século XIX", Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

Fabrizio Prado, "Conexões Atlânticas: redes comerciais entre o Rio da Prata e os Estados Unidos (1790-1822)", *Anos 90*, v. 24, n. 45 (2017), pp. 133-152. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.70596>.

Feliciano Gámez Duarte, "El desafío insurgente. Análisis del corso hispanoamericano desde la perspectiva peninsular: 1812-1828". Tese (Doctorado en Historia), Universidad de La Rioja, Logroño, 2004.

Gabriel Di Meglio, "Algunas claves de la Revolución en el Río de la Plata (1810-1820)", *Estudios Ibero-americanos*, v. 36, n. 2 (2010), pp. 266-287.

Gabriel Di Meglio, *¡Viva el bajo pueblo! La plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la Revolución de Mayo y el Rosismo*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

Jeffrey Orenstein, "Joseph Almeida: Portrait of a Privateer, Pirate & Pantiff", part I, *The Green Bag*, v. 10, n. 3 (2007), pp. 306-328.

Jeffrey Orenstein, "Joseph Almeida: Portrait of a Privateer, Pirate & Pantiff", part II. *The Green Bag*, v. 12, n. 1 (2008), pp. 35-52.

João Paulo Garrido Pimenta, “Com os olhos na América espanhola: a independência do Brasil (1808-1822)”, *Cadernos do CHDD*, v. 4, n. especial (2005), pp. 3-22.

João Paulo Garrido Pimenta, *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)*, São Paulo: Hucitec, 2006, p. 79.

Lauren Benton, “Strange Sovereignty”: The Provincia Oriental in the Atlantic World”, *20/10 (El mundo atlántico y la modernidad Iberoamericana, 1750-1850)*, v. 1 (2012), pp. 89-107.

Marcela Ternavasio, “Buenos Aires y el orden político posrevolucionario: De la Roma republicana a la nueva Argirópolis”, in Manuel Chust e Ivana Faquest (eds.), *La Patria no se hizo sola: las Revoluciones de Independencia iberoamericanas*, Madrid: Elece, Industria Gráfica S. I, 2012, pp. 65-94.

Mario D. Tesler, “Expedición de David Jewett a las Islas Malvinas, 1820-1821”, *Revista Universidad 74*, (1968), pp. 105-152.

Tulio Halperin Donghi, *Revolución y guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina*, Buenos Aires: Siglo XXI, 1994.

William Acree, *La lectura cotidiana: cultura impresa e identidad colectiva en el Rio de la Plata, (1780-1910)*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

Artigo recebido em 19-12-2023. Aceito para publicação em 15-04-2024.

Citação: Eduardo Sartoretto, “Sobre homens de mar e homens de terra: as relações entre os grupos corsários e as sociedades portenhas, durante os conflitos de independência no Rio da Prata”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 42, (2024), pp. 1-39.

Contato do autor: Eduardo Sartoretto: sartorettoeduardo@gmail.com.